

## RESENHA

CAVIGNAC, Julie A.; MACEDO, Muirakytan K. de; NASCIMENTO, José Clewton do (Orgs.). *Guia Cultural Afro Seridó*. Natal, RN: Flor do Sal, 2020.

CAVIGNAC, Julie A.; ALVEAL, Carmem (Orgs.). *Guia Cultural Indígena Rio Grande do Norte*. Natal: Flor do Sal, 2020.

### **Flávio Rodrigo Freire Ferreira**

*flaviorodrigoff@yahoo.com.br*

Professor do IFRN.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5881-3344>

Em grande parte dos estudos dedicados a formação social do Brasil, a presença e participação de povos indígenas e das populações de origem africana em suas mais variadas matrizes étnicas sempre foi considerada: “Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (RIBEIRO, 2006, p. 19). No Nordeste brasileiro, espaço que originou o estado do Rio Grande do Norte, a participação desses grupos foi relegada ao segundo plano pelos estudiosos e foi através desta constatação, fruto de mais de duas décadas de acurada investigação antropológica, que Julie Cavignac nos conduziu até as publicações que acabam de ser lançadas. Com efeito, foi por meio da parceria com os historiadores Muirakytan de Macêdo e Carmem Alveal que surgiram respectivamente as publicações de dois Guias Culturais: o Afro do Seridó; e o Indígena – Rio Grande do Norte. Ineditamente publicados pela editora Flor do Sal, ambas frutos do projeto de extensão: Troncos, Ramos e Raízes (PROEX/UFRN).

O conteúdo dos ‘Guias Culturais Afro e Indígena’ revelam o alcance principal das obras, apresentando ao leitor os elementos de base étnica que foram responsáveis pela formação da sociedade norte-rio-grandense, através de resultados de pesquisas com foco na origem etnológica dos povos indígenas e da presença das populações de origem africana na região do Seridó. Destarte, os organizadores das obras se lançam em uma tarefa pouco convencional para o campo acadêmico especializado, qual seja, reunir informações de caráter mais geral em um formato de manual sobre a realidade das comunidades afro descendentes da região do Seridó e sobre todas as comunidades indígenas do Rio Grande do Norte. Considerando a variabilidade dos temas abordados, para fins de padronizar a organização, preferimos apresentar inicialmente o Guia Cultural Afro do Seridó e em seguida o Guia Cultural Indígena do RN, destacando os elementos mais importantes de cada

obra. Ao final, concluiremos apresentando uma apreciação crítica e convergente do potencial das publicações.

O Guia Cultural Afro do Seridó nos apresenta a formação de um Sertão com outras cores que vão além da noção comum cristalizada de um espaço árido onde prevalece a fome a sede. O Sertão do Seridó, palco de confrontos bélicos distante do litoral, nos revela um contorno importante e pouco conhecido da história colonial: sem a força e a habilidade de negros escravizados, dificilmente haveria um desbravar e uma fixação nessas terras. Assim sendo, o Guia considera a população negra como participante ativa e com o devido protagonismo na formação social da região que ficou amplamente conhecida como Seridó.

Em um primeiro momento, o Guia Cultural Afro aborda os aspectos gerais da presença afro-brasileira na história e na cultura regional, demonstrada através da utilização da mão de obra escrava nas primeiras fazendas de gado antes mesmo de surgirem os limites entre os municípios. Os documentos históricos, as narrativas e os monumentos vão revelando o expediente sob o qual o escravo era subjugado, tratado como uma reserva de valor e, ao mesmo tempo, na lida diária eram tratados como sujeitos que podiam estabelecer relações cordiais, conquistar alforria e herdar terras de seus donos.

Pouco a pouco, ao longo desse processo histórico colonial, as populações africanas e seus descendentes foram imprimindo uma marca na paisagem cultural. As pesquisas realizadas nas duas últimas décadas revelam a existência de uma rede que podemos classificar como um complexo cultural de irmandades de Nossa Senhora do Rosário na região do Seridó, fundamental para promover uma proteção organizada desses grupos. Os conteúdos culturais, atualmente nomeados como patrimônios, inicialmente foram abordados sob a ideia do 'folclore'. O destaque para a presença negra em Acari com a primeira igreja do Seridó, revela bastante o papel desbravador do local como um ponto de parada e devoção. A força e a anterioridade da irmandade do Rosário de Jardim do Seridó e da sua festa em relação com a comunidade da Boa Vista dos Negros, revelam a existência de um Sertão ao mesmo tempo forte, vivo e alegre.

A apresentação das informações sobre as comunidades estudadas traz um enfoque de pesquisa bastante atual, no qual "estudiosos, ao pesquisarem grupos negros, procuraram destacar traços culturais de origem africana, os quais seriam indicativos de uma etnicidade" (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014, p. 67). Com efeito, a dança do espontão do quilombo da Boa Vista, a técnica de cerâmica com argila utilizada na comunidade dos Negros do Riacho, a ancestralidade comum na comunidade de Macambiras e a coroação de reis e rainhas durante a ocorrência das festas do Rosário são indicadores dessa etnicidade. As receitas presentes na memória e nas mesas vão revelando ainda a importante presença da alimentação repleta de sabores de uma cozinha com opredomínio afrodescendente, nas quais se estabelecem práticas de comensalidade.

Por fim, o Guia Cultural Afro do Seridó contribui para retirar as comunidades quilombolas e a população negra da invisibilidade, a desconstruir estigmas e preconceitos, demonstrando através de uma ressignificação de sua memória histórica como ocorreu os seus processos resistência, fazendo com que essas populações possam ser reconhecidas como formadoras de uma cultura local e regional em âmbito do estado.

O Guia Cultural Indígena – Rio Grande do Norte conduz o leitor pela história de origem de cada uma das comunidades, através de igrejas, monumentos, pinturas rupestres, lugares de memória e narrativas, responsáveis por desvelar uma paisagem cultural pouco conhecida. Em percurso do século XVII até os dias atuais, os povos indígenas do Rio Grande do Norte foram estabelecendo variadas formas de trocas econômicas, acordos políticos, sujeição religiosa e interação social com diferentes agentes coloniais e com demais grupos sociais e étnicos, buscando resistir às situações de extrema violência. Em uma articulação em que as ações de Igreja e Estado se confundiam, as missões e os aldeamentos foram forçadamente reunindo grupos étnicos diferentes e rivais que eram capturados em conflitos. As tentativas de escravidão para o desenvolvimento do trabalho forçado foram recorrentes até chegar à violência do apagamento intencional praticado pelas elites vitoriosas no século XIX. O mais aberto e enfático exemplo de violência cometida foi a ocorrência de um dos maiores conflitos étnicos do período colonial, a chamada Guerra dos Bárbaros (LOPES, 2005).

A classificação já considerada clássica pela etnologia brasileira que opõe os povos que habitavam o litoral (os ‘potiguaras’) daqueles que viviam no sertão (os ‘tapuia’) foi mantida, a ilustração ‘mapa das nações indígenas’ (contida na página de número 18), situa essa distribuição territorial. Em todas as regiões do estado o Guia destaca também o mapeando dos principais registros e monumentos históricos e arqueológicos que resistem a passagem do tempo e ausência de proteção pelos órgãos do Estado, como é o caso das canoas monóxilas encontradas no fundo da Lagoa de Extremoz. Na região do Seridó, o Guia apresenta de forma didática conceitos oriundos da arqueologia que dão conta de um passado que teima em permanecer alimentando o imaginário dos sujeitos. Na região Oeste há destaque para o Lajedo de Soledade e Lagoa do Apodi, considerados lugares de memória das populações nativas.

Com efeito, através de ênfase na descrição de cada comunidade originária das terras de um rio grande conhecido como Potengi, o Guia Cultural Indígena apresenta, mesmo que brevemente, os processos sociais resultantes de uma história colonial marcada por situações de dominação, mas também pela capacidade de resistência desses grupos (OLIVEIRA, 2011). Assim, o Guia faz um levantamento e a distribuição dos grupos a partir de seus respectivos municípios do estado distribuídos nas seguintes aldeias: Sagi-Trabanda (Baía Formosa), Catu (Canguaretama e Goianinha), Tapará (Macaíba e São Gonçalo do Amarante),

Amarelão, Serrote de São Bento, Assentamento Terezinha, Assentamento Marajó e Açucena (João Câmara), Cachoeira (Jardim de Angicos), Caboclos (Assu e Apodi). Em cada uma dessas comunidades existe uma forte memória oral sobre sua ancestralidade e pertencimento à terra; também são descritos suas festas e seus rituais (como é o caso do Toré); as pinturas corporais; os adornos em plumas; a religião com celebração dos encantados; além de uma ampla produção de artesanato.

Os processos de transmissão de saberes são a base da educação indígena. Por exemplo, a sabedoria sobre as espécies de plantas e suas propriedades medicinais são repassadas oralmente entre os sujeitos, dos mais velhos para os mais novos. Entre as conquistas constitucionais recentes desses povos, se encontra a educação escolar indígena praticada nas escolas existentes nas comunidades, com foco no respeito e valorização da cultura, ajudando a transpor os saberes acumulados e transformar em conhecimento escolarizado.

Deste modo, o “objetivo de atingir um público diversificado” (CAVIGNAC; MACEDO, 2020, p. 05), se aplica as duas publicações e, nesse sentido, a ampla circulação adquire um potencial para alcançar resultados importantes se tratando de divulgação científica, sendo utilizadas como fonte de pesquisa para que professores do ensino básico possam planejar aulas conforme os conteúdos de suas disciplinas. Por exemplo, os Guias permitem conhecer o quão diversas são as regiões do estado do Rio Grande do Norte, não apenas de um ponto de vista sociocultural de cada comunidade, mas também da paisagem e do clima: uma geografia revelada pelos caminhos da etnicidade.

Sua contribuição está voltada para a capacidade de estimular a reflexão sobre a história desses grupos, propondo um percurso pela origem e formação do estado do Rio Grande do Norte. A exegese na apresentação da datação e dos dados censitários sobre as populações nativas e escravizadas devem ser percebidos como necessários, considerando as muitas lacunas com relação a ausência de fontes que estão sendo preenchidas. Levando em consideração os detalhes com que são descritos fatos e acontecimentos narrativos, se abrem janelas importantes para investigações futuras a serem realizadas através de novas pesquisas.

Outro apontamento é oportunizar a valorização em âmbito local/regional do patrimônio étnico e cultural das comunidades, sendo os guias utilizados como manuais de educação patrimonial. Deste modo, ocorre a divulgação do conhecimento sobre tradições das comunidades, descritas através das celebrações, dos saberes voltados à alimentação, da produção do artesanato, das suas religiosidades, da relação com o meio ambiente, entre outras. Ademais, os Guias incentivam a visita aos locais descritos, por isso, constam informações práticas ao final dos textos, com contatos de artesãos, restaurantes, museus, condutores e responsáveis locais, a partir de iniciativas empreendedoras ou fomentada pelos órgãos públicos municipais/estaduais.

Por fim, cabe celebrar a publicação dos Guias Culturais Afro do Seridó e Indígena do RN, pela contribuição no preenchimento de lacunas de fontes acessíveis ao grande público que versem sobre as populações étnicas formadoras do território que se tornou o estado. Promovendo uma educação voltada para o respeito às diferenças e construção da cidadania que finalmente possa ser praticada cotidianamente em direção ao reconhecimento e a valorização de toda essa diversidade.

## REFERÊNCIAS

CAVIGNAC, Julie A. A etnicidade encoberta: índios e negros no Rio Grande do Norte. *Mneme – Revista de Humanidades*, v. 4, n. 8, abr./set. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/issue/view/27>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LOPES, Fátima Martins. *Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII*. 2005. 699f. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2005.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. 714p.

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Os estudos sobre comunidades negras rurais (quilombolas) no Brasil. In: CAVIGNAC, Julie; MACÊDO, Muirakytan K. (Orgs.). *Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro*. 1. ed. Brasília: ABA - Associação Brasileira de Antropologia, 2014. p. 67-89.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SUBMETIDO EM: 29/06/2020.

APROVADO EM: 15/07/2020.